

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



O NEOLÍTICO MÉDIO NO MACIÇO CALCÁRIO ESTREMENHO: ESTADO ATUAL DOS CONHECIMENTOS E PERSPETIVAS DE INVESTIGAÇÃO FUTURA

André Nunes / NAP/UAlg / ajmendesnunes@gmail.com

António Faustino Carvalho / UAlg / afcarva@ualg.pt

RESUMO

Na década de 1990 foi possível identificar e caracterizar uma fase média do Neolítico do Maciço Calcário Estremenho, tanto em contextos funerários como de carácter residencial. Estes últimos, que se têm vindo a estudar desde então, localizam-se ao longo Arrife da Serra d’Aire e, aparentemente, repetem o modelo cronocultural proposto para o Alentejo. Porém, tem sido possível obter também informação paleoeconómica direta que, conjugada com as características dos habitats conhecidos, aponta para uma sociedade relativamente móvel.

ABSTRACT

In the 1990’s it was possible to identify a middle phase in the Neolithic of the Limestone Massif of Estremadura, both in funerary and residential contexts. The latter, which have been under study, are located along the Arrife of the Aire Mountain and apparently fit the chronocultural model proposed to the Alentejo. However, it has also been possible to obtain direct palaeoeconomic data which, associated to the characteristics of the known basecamps, points to a relatively mobile society.

1. A IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DE UMA FASE MÉDIA NO NEOLÍTICO DO MACIÇO CALCÁRIO ESTREMENHO (MCE)

O início precoce da investigação pré-histórica no MCE (isto é, as serras d’Aire e Candeeiros), que remonta aos trabalhos de Vieira Natividade nas grutas de Alcobaca na viragem do século XIX para o XX, e que prosseguiu intermitentemente através da escavação de numerosas outras cavidades, resultou num volume enorme de dados. Porém, a inexistência de estratigrafias claras e o recurso a critérios muito seletivos na recolha de restos arqueológicos, são fatores que resultaram em severas limitações no uso desses dados em moldes modernos. Assim, o estado dos conhecimentos sobre o Neolítico em inícios da década de 1990 circunscrevia-se *grosso modo* ao conteúdo artefactual de grutas-necrópole e, a partir daí, na busca de “influências” culturais do mundo megalítico alentejano ou estremenho (p. ex., Jorge 1990). Com efeito, os contextos habitacionais eram

totalmente desconhecidos e o único monumento megalítico efetivamente conhecido no MCE era e ainda é a anta-capela das Alcobertas, em Rio Maior (Paço *et al.*, 1959).

A elaboração de uma carta arqueológica da região, dirigida por J. Zilhão (1993-1995), seguida de um projeto de escavações sistemáticas (1998-2001), foram as circunstâncias que conduziram a um crescimento notável dos conhecimentos sobre o Neolítico no MCE. Partindo de um texto “fundador” (Zilhão & Carvalho, 1996), a investigação centrou-se, numa primeira etapa, no estudo da fase antiga do Neolítico, tendo daqui resultado numerosos trabalhos parcelares, designadamente de cariz interdisciplinar, recentemente interpretados no seu conjunto (Carvalho, 2008). Mas Zilhão e Carvalho (1996) haviam publicado ainda um outro elemento fundamental para o estudo do Neolítico regional: uma primeira identificação clara, estratigraficamente sustentada, da fase média do período, e o que é mais significativo obtida a partir de contextos habi-

tacionais. Nesse momento, tratava-se unicamente da longa sequência estratigráfica do Abrigo da Pena d'Água (Torres Novas), um depósito de 5,00 m de potência que abarca ocupações escalonadas entre o Cardial e o Neolítico final. A conservação de restos orgânicos permitiu, adicionalmente, a reconstituição das condições bioclimáticas locais e das estratégias de exploração antrópica do Meio, para além da obtenção de datações de radiocarbono (Carvalho, 1998, 2012).

As ocupações do Neolítico médio (Carvalho, 1998), conservadas nas camadas Da e Db, correspondem nos seus traços essenciais ao faseamento que tem vindo a ser proposto para este período no Alentejo (Soares & Silva, 1992; Silva *et al.*, 2010), incluindo o momento de construção dos primeiros monumentos megalíticos. Assim, foi possível isolar uma primeira fase caracterizada por cerâmica lisa associada a raras decorações, entre as quais sulcos sob o bordo, autêntico fóssil diretor desta etapa. A este Neolítico médio inicial segue-se um segundo momento em que a quase totalidade da produção cerâmica é lisa. As armaduras líticas são sempre micrólitos geométricos de retoque abrupto e as morfologias cerâmicas, por seu lado, não incluem ainda as formas carenadas típicas do Neolítico final. Os restos faunísticos indicaram, desde o início, a coexistência de práticas pastoris e cinegéticas (Valente, 1998), o que parece confirmado pela recente análise da totalidade dos restos exumados (Luís *et al.*, no prelo).

Dois outros contextos habitacionais do Neolítico médio foram entretanto intervencionados e encontram-se em fase terminal de estudo: o Cerradinho do Ginete e a Costa do Pereiro (Torres Novas). O último, quase inédito (Carvalho, 2008, p. 51-52), revelou dados que se podem considerar únicos. Tratando-se de um contexto residencial, revelou no entanto um enterramento infantil correlacionável com um palimpsesto arqueológico (camada 1b) que reúne ocupações recorrentes deste espaço ao longo do IV milénio a.C. De acordo com as duas datações de radiocarbono obtidas, estas ocupações decorreram entre 3900 cal BC (datação direta do enterramento) e 3100 cal BC (datação de uma lareira). A cultura material está representada por cerâmica lisa. As decorações, conquanto escassas, são porém muito diversificadas, apresentando sulcos sob o bordo, falsa folha de acácia, penteados incisivos, impressões várias, etc. O talhe assenta na exploração de rochas locais (quartzito, quartzo) e do sílex, que

serviu para a produção de micrólitos geométricos (segmentos e, sobretudo, trapézios). Acresce que este sítio ainda forneceu restos faunísticos (preliminarmente publicados em Carvalho, 2008: quadro 17) que são fundamentais, com os da Pena d'Água, para a reconstituição das estratégias de subsistência durante o Neolítico médio do MCE. Este aspeto será retomado nas conclusões.

O Cerradinho do Ginete, por seu lado, está ainda em escavação. Uma breve apresentação dos trabalhos realizados até à campanha de 2001 encontra-se em Carvalho (2008: 62-63), estando inéditos os resultados das campanhas de 2009 e 2012. As características físicas deste sítio e as limitações de que se reveste a sua estratigrafia e componentes artefactuais são ilustrativos da invisibilidade arqueológica destas realidades e da natural tendência para que passem despercebidas em prospeção e sejam ignoradas face ao fraco potencial científico que parecem evidenciar. Daí, no entanto, o interesse no seu estudo.

2. CERRADINHO DO GINETE (TORRES NOVAS): UM CASO DE ESTUDO

Não fora a existência de um terreno murado (de onde resulta o topónimo), regularmente lavrado, nunca teria sido possível recolher o fragmento de cerâmica campaniforme que denunciou a presença de ocupações pré-históricas neste local. Com efeito, toda a área compreendida entre as faldas da Serra d'Aire e este troço do Arrife está coberta por pinhais e por um mato denso que impede a visualização de qualquer vestígio arqueológico de superfície. Diversas sondagens abertas em 1993 e 1994 no denominado Sector IV identificaram vestígios arqueológicos que foram então atribuídos à Idade do Bronze, dada a quase exclusividade da cerâmica lisa. Já no decorrer deste século, foram levados a cabo novos trabalhos: em 2001, por M. J. Jacinto, para uma melhor caracterização daquela ocupação (mas que identificou também uma ocupação Cardial, subjacente); e em 2009, por F. Neto e G. Zambujo, para o esclarecimento de questões relacionadas com o processo de formação da jazida (Zambujo, 2010).

Os trabalhos de 2001 e 2009 permitiram, assim, o reconhecimento de uma estratigrafia mais complexa, com dois níveis arqueológicos principais:

Cardial: nível preservado sob formações de megalapiás, “ensanduichado”, cerca de 40 cm abaixo da superfície, entre a camada lavrada superficial e a *terra*

rossa de base, em torno dos megalapiás que coroam o local. Com exceção dos resultados das campanhas de 2009 e 2012, este é o único contexto que está já estudado e publicado (Carvalho 2008, 2011).

Neolítico médio: muito afetado pelo crescimento da vegetação e por práticas agrícolas ancestrais, este nível arqueológico superficial (está contido numa delgada camada superficial de 30-40 cm de espessura) revelou um conjunto artefactual monótono, sem qualquer tipo de material orgânico associado, mas que encontra paralelos na camada Db da Pena d'Água, atrás descrita, e no espólio da vizinha gruta-necrópole da Lapa dos Namorados (Carvalho *et al.*, 2000). Estes contextos estão datados de c. 4200-3800 cal BC (ICEN-1147: 5180 ± 240 BP) e 4300 cal BC (ICEN-735: 5460 ± 110 BP), respetivamente. Apesar das incertezas associadas à data da Pena d'Água (amostra de carvões dispersos e elevado desvio-padrão), o intervalo de tempo indicado por ambas as datações deverá incluir, talvez no seu tramo mais recuado (finais do V milénio a.C.), este momento de ocupação do sítio.

A Lapa dos Namorados é importante também devido à sua proximidade. Com efeito, distando apenas cerca de 200 metros e ostentando semelhanças em termos de cultura material, é concebível que se trate do espaço sepulcral utilizado pelos habitantes do Cerradinho do Ginete.

A análise das produções artefactuals do Cerradinho do Ginete está presentemente em curso, havendo já um estudo preliminar em vias de publicação (Nunes, no prelo). O conjunto cerâmico é composto por 393 fragmentos, que correspondem a um número mínimo de 45 recipientes. Note-se desde já que a elevada fragmentação do material deve estar a inflacionar aquele número de recipientes, da mesma forma que impediu a caracterização morfológica fina do conjunto. Com efeito, foi possível obter apenas ilações gerais: os fragmentos de bordo que permitiram o cálculo do diâmetro indicam o domínio das forma abertas sobre as fechadas (57% contra 43%) e a reconstituição formal apenas permitiu observar a presença de hemisféricos, em 19 exemplares. Por outro lado, 377 (96%) daqueles 393 fragmentos não apresentam qualquer tipo de decoração.

A pasta destes recipientes apresenta por regra elementos não plásticos de dimensões inferiores a 0,001 m, tem consistências médias (fraturam-se com o emprego de uma ponta de aço), texturas essencialmente granulares (47%) ou homogéneas

(45%), e cozeduras oxidantes (92%). Os recipientes analisados possuem acabamentos de superfície toscos (49%) ou alisados (40%).

As técnicas de decoração utilizadas são as linhas e traços incisivos, caneluras e sulcos sob o bordo (em dois exemplares) e a impressões com possível recurso a concha e caule de planta. Em todos os fragmentos a decoração parece organizada numa estreita banda paralela ao bordo composta ora por incisões (69%), ora por impressões (31%).

A análise dos artefactos líticos identificou três matérias-primas principais: sílex, quartzito e quartzito, com 40%, 32% e 27% do número total de peças, respetivamente. No entanto, registaram-se ainda fragmentos inclassificáveis de xisto, grauvaque ou granito, que não existem na geologia da região, embora com valores muito reduzidos. Também a pedra polida se apresenta, à semelhança dos anteriores, em percentagem muito reduzida, contabilizando-se apenas três peças (um machado e dois fragmentos inclassificáveis) produzidas em rochas anfibólicas.

A indústria em pedra lascada é composta por 403 peças, no seio das quais as lâminas e lamelas perfazem 9% do total, ou seja, 38 exemplares. Esta componente apresenta-se tendencialmente inteira (39%), com talões esmagados (54%) seguidos dos lisos (30%). Predominam as peças de nervuras regulares destacadas (78%), secções trapezoidais (39%) ou triangulares (54%), e perfis direitos (69%) ou côncavos (31%). As formas de bordos paralelos retilíneos estão presentes em 52% do total.

A análise dos núcleos demonstrou que a matéria-prima mais frequente é o quartzito portanto, de aprovisionamento local e que o tipo dominante é o bloco com levantamentos avulsos aleatórios de lascas, sobre seixo ou fragmento de eixo (71%).

Entre as peças retocadas há onze geométricos em sílex. O tipo mais frequente é o trapézio (9 em 12 peças), seguindo-se dois segmentos e um triângulo. A restante utensilagem, de “fundo comum”, é formada maioritariamente por lascas ou produtos alongados com retoques marginais.

3. CONCLUSÕES: DA DIFICULDADE DE RECONHECIMENTO A UM PRIMEIRO ENSAIO DE MODELIZAÇÃO DO NEOLÍTICO MÉDIO NO MCE

Perante o exposto na secção anterior relativamente à elevada fragmentação do conjunto cerâmico e ao

predomínio quase absoluto das peças lisas, facilmente se percebe a dificuldade no reconhecimento em prospeção de sítios como o Cerradinho do Ginete e, por consequência, na sua correta atribuição cronológico-cultural. A presença mais abundante de cerâmica decorada em sítios do Neolítico antigo, por vezes com técnicas ou motivos com acentuado cunho cronológico-cultural, facilita a sua classificação ao prospetor. Dito de outro modo, a invisibilidade arqueológica dos contextos residenciais do Neolítico médio resulta de fatores intrinsecamente ligados aos particularismos das culturas materiais desta fase da Pré-História.

Por outro lado, a tipologia de sítios como o Cerradinho do Ginete acrescenta dificuldades adicionais de identificação. Efetivamente, fatores como a implantação em terras baixas, a ausência de estruturas construtivas ou a baixa densidade de vestígios, não só concorrem para a sua invisibilidade na paisagem como são também, pelo menos tanto quanto os dados atualmente disponíveis permitem concluir, reflexo da densidade demográfica, dos padrões de mobilidade e dos modos de exploração do território levados a cabo durante o Neolítico médio. A este respeito, estudos zooarqueológicos e paleoisotópicos recentemente concluídos para o MCE revelaram padrões significativos:

Conquanto limitada pelo pequeno número de restos determinados taxonomicamente ($n=27$), a zooarqueologia da camada Db da Pena d'Água (Luís *et al.*, no prelo) evidencia o predomínio do pastoreio de ovinos e/ou caprinos sendo reduzida a caça de veado (89% contra 11%, respetivamente, sem contabilização dos restos de aves, carnívoros e leporídeos). Usando os mesmos termos de comparação, na coleção da Costa do Pereiro (Carvalho, 2008), mais numerosa ($n=73$), predomina, ao invés, a caça de veado (64% contra 12% de ovinos e/ou caprinos). Neste sítio há ainda restos de bovinos e suínos, cuja domesticação não foi possível atestar, e que representam 4% e 14% do total de restos. O conjunto destes dados aponta, em suma, para uma oscilação entre dois extremos de especialização, um em recursos selvagens (a caça de cervídeos), outro em recursos domésticos (o pastoreio de ovinos e caprinos). Esta especialização não se verifica no Neolítico antigo regional, onde o boi doméstico e o javali são omnipresentes e podem mesmo representar percentagens significativas dos recursos animais (Carvalho, 2008, 2012), mas levanta a mesma

questão: estamos perante comunidades autónomas política e economicamente (e portanto estes dados são retratos completos da realidade passada) ou as realidades arqueológicas do MCE indicam que este era um território marginal explorado por grupos radicados em povoados permanentes localizados no Vale do Tejo?

Seja qual for a resposta à questão anterior, duas conclusões são, para já, válidas: que qualquer das práticas de exploração animal referidas implicam um índice de mobilidade significativo (o que parece estar em concordância com as características das componentes artefactuais e dos contextos habitacionais, como o Cerradinho do Ginete), e que a análise de isótopos estáveis de restos humanos desta época, em concreto, do Lugar do Canto e do Algar do Barrão, indica o consumo exclusivo de recursos terrestres, sem casos de maiores percentagens de recursos marinhos ou ribeirinhos (Carvalho e Petchey, no prelo). Como referido por estes autores, “[t]he only exception is one individual from Barrão Cave [...] exhibiting a relatively high level of aquatic protein (sample #01: 21%), comparable to those recorded in the Lower Tagus [...]. This may indicate that this individual is an immigrant from the southern tip of the Estremadura region, or it could simply be a reflection of the consumption of large quantities of terrestrial protein”. Isto significa que os territórios económicos destes grupos estavam confinados ao MCE ou estendiam-se na direção do Alto Alentejo (de onde, aliás, poderão ser provenientes as rochas anfibólicas de que são feitos os utensílios em pedra polida). O litoral contíguo ao MCE, entre a foz do Lis e a Lagoa de Óbidos, parece portanto não ter sido frequentado.

Estas e outras vertentes de investigação atualmente em curso de estudo, como a análise da estilística cerâmica ou, em particular, o estudo das práticas funerárias, permitirão o aprofundamento das considerações apresentadas acima. Isto significa que o MCE se poderá constituir a breve trecho, como no caso do Neolítico antigo, num *case study* do Neolítico médio do nosso País.

BIBLIOGRAFIA

- CARVALHO, A.F. (1998) – Abrigo da Pena d'Água (Rexaldia, Torres Novas): resultados das campanhas de sondagem (1992-1997). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1:2. p. 39-72.
- CARVALHO, A.F. (2008) – *A neolitização do Portugal meridional. Os exemplos do Maciço Calcário Estremenho e do Algarve ocidental*. Faro: Universidade do Algarve (Promontoria Monográfica; 12).
- CARVALHO, A.F. (2011) – Produção cerâmica no início do Neolítico de Portugal. In BERNABEU, J.; ROJO, M.A.; MOLINA, L., coords. - *Las primeras producciones cerámicas: el VI milenio cal AC en la Península Ibérica*. València: Universitat de València (Saguntum Extra; 12), p. 237-250.
- CARVALHO, A.F. (2012) – Portugal. In ROJO, M.; GARRIDO, R., GARCÍA, Í., coord. – *El Neolítico en la Península Ibérica e su contexto europeo*. Madrid: Cátedra, p. 175-212.
- CARVALHO, A. F.; JACINTO, M.J.; DUARTE, C.; MAURÍCIO, J.; SOUTO, P. (2000) – Lapa dos Namorados (Pedrógão, Torres Novas): estudo dos materiais arqueológicos. *Nova Augusta*. 12, p. 151-172.
- CARVALHO, A.F.; PETCHEY, F. (no prelo) – Stable isotope evidence of Neolithic palaeodiets in the coastal regions of Southern Portugal. *Journal of Island & Coastal Archaeology*
- JORGE, S.O. (1990) – A consolidação do sistema agro-pastoril. In ALARCÃO, J., coord. – *Nova História de Portugal. Portugal: das origens à romanização*, 1. Lisboa: Presença, p. 102-162.
- LUÍS, S.; CORREIA, F.; FERNANDES, P.V. (no prelo) – Middle Neolithic Zooarchaeology at the Pena d'Água Rock-shelter (Portuguese Estremadura). *VI Jornadas de Jóvenes en Investigación Arqueológica*. Barcelona: Universitat de Barcelona
- NUNES, A. (no prelo) – O sítio do Cerradinho do Ginete (Torres Novas, Portugal). Um caso de estudo do Neolítico Médio português. *VI Jornadas de Jóvenes en Investigación Arqueológica*. Barcelona: Universitat de Barcelona.
- PAÇO, A.; BARBOSA, F.; SOUSA, J.N.; BARBOSA, F.B. (1959) – Notas arqueológicas da região de Alcobertas (Rio Maior). *I Congresso Nacional de Arqueologia*, I. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, p. 281-292
- SILVA, C.T.; SOARES, J.; COELHO-SOARES, A. (2010) – Arqueologia de Chãos de Sines. Novos elementos sobre o povoamento pré-histórico. 2.º *Encontro de História do Alentejo litoral*. Sines: Centro Cultural Emmerico Nunes, p. 10-33.
- SOARES, J.; SILVA, C.T. (1992) – Para o conhecimento dos povoados do megalitismo de Reguengos. *Setúbal Arqueológica*. IX-X, p. 37-88.
- VALENTE, M.J. (1998) – Análise preliminar da fauna mamalógica do Abrigo da Pena d'Água (Torres Novas). Campanhas de 1992-1994. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1:2, p. 85-96.
- ZAMBUJO, G. (2010) – *O sítio pré-histórico do Cerradinho do Ginete (Pedrógão, Torres Novas): uma abordagem geoarqueológica*. Lisboa: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (dissertação de mestrado; policopiada).
- ZILHÃO, J.; CARVALHO, A.F. (1996) – O Neolítico do Maciço Calcário Estremenho: crono-estratigrafia e povoamento. *I Congrès del Neolític a la Península Ibèrica*, 2. Gavà: Museo de Gavà (Rubricatum; 1), p. 659-672.

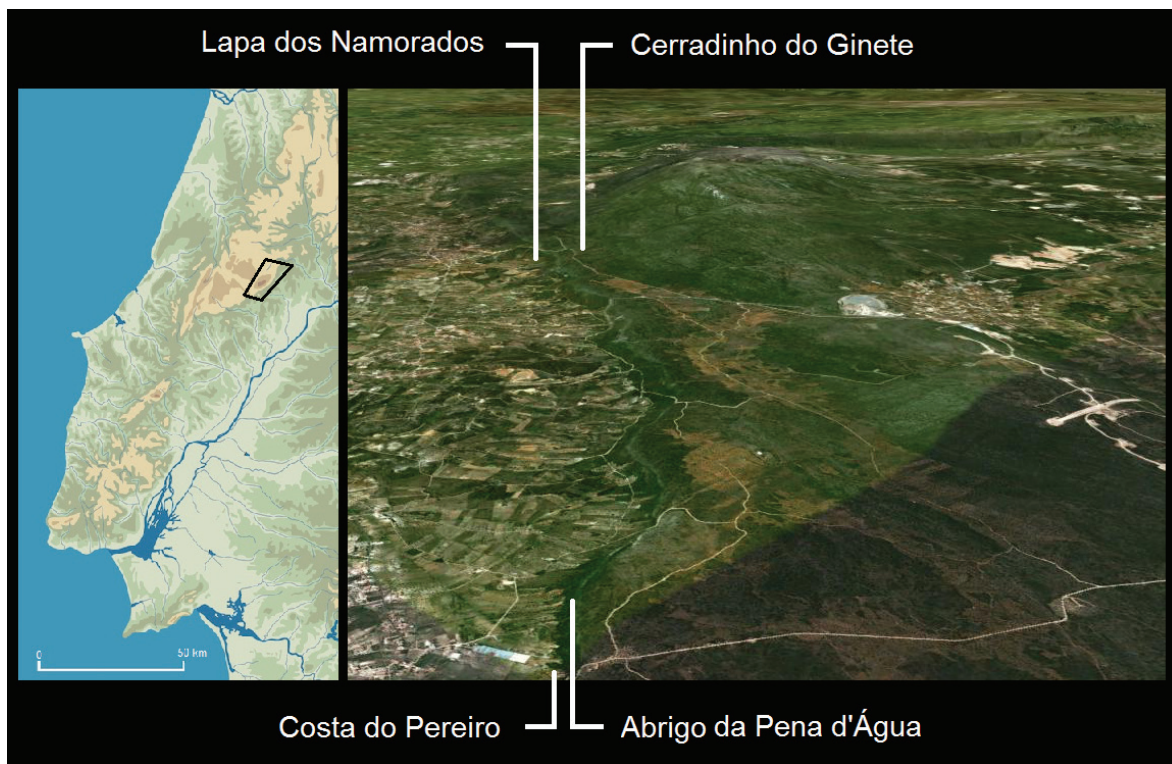


Figura 1 – Neolítico médio do Arrife da Serra d'Aire: localização dos sítios referidos em texto (à direita; imagem *Google Earth* adaptada) e indicação da área representada sobre mapa da Estremadura Portuguesa (à esquerda).



AAP
 ASSOCIAÇÃO
 DOS ARQUEÓLOGOS
 PORTUGUESES

Patrocinador oficial

Apoio institucional

FUNDAÇÃO
Millennium
 bcp

BNP
 BIBLIOTECA
 NACIONAL
 DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
 PORTUGAL


 Parques de Sintra
 Monte da Lua